

“Torna-te o que tu és”

“Become what you are”

Georg Simmel

Tradução de *Raoni Borges Barbosa*

Resumo: Simmel reflete, neste breve ensaio escrito no calor da Primeira Guerra Mundial, sobre a situação interior [Geist] da Alemanha, seja enquanto coletividade [Volk], seja enquanto destino individual que atravessa as turbulências [Erschütterungen] causadas pela fragmentação e recomposição moral e emocional da normalidade normativa da sociabilidade sob análise. Interessa ao autor, neste sentido, discorrer sobre como a vida interior [Lebensrichtungen, Weltanschauungen, Geist, Sittlichkeit] se renova a partir de elementos subjetivos já presentes no contexto cognitivo, expressivo-comportamental e moral-emocional alemão anterior à guerra, mas que somente mediante as transformações produzidas pela guerra puderam explodir barreiras sociais existentes e, assim, amadurecer para uma nova Alemanha e para um novo indivíduo, este último agora consciente do imperativo moral fundamental: “Torna-te o que tu és”! **Palavras-Chave:** Georg Simmel, situações de crise e recomposição moral, Alemanha, formação moral e emocional da pessoa

Abstract: In this brief essay written in the heat of World War I, Simmel reflects on the internal situation [Geist] of Germany, whether as a collective [Volk] or as an individual destiny that crosses the turbulences [Erschütterungen] caused by the moral and emotional fragmentation and by the recomposition of the normative normality of this sociability under analysis. In this sense, the author is interested in discussing how the inner life [Lebensrichtungen, Weltanschauungen, Geist, Sittlichkeit] is renewed from subjective elements already present in the german cognitive, expressive-behavioral and moral-emotional contexts prior to the war. Through the transformations produced by the war, could explode existing social barriers and thus mature into a new Germany and a new individual, the latter now aware of the fundamental moral imperative: "Become what you are!" **Keywords:** Georg Simmel, crisis situations and moral recomposition, Germany, moral and emotional formation of self

Todos¹ os ganhos e transformações no interior da Alemanha, dos quais ansiamos uma compensação para as indizíveis vítimas da guerra, parecem-me ter seu mais profundo significado na constatação de que estes não permanecem totalmente dissociados da nossa vida; tal como conquistas são, por assim dizer, uma adição exterior de novidade.

Mas são como frutos presentes desde muito anteriormente à maturação, talvez mesmo ainda mais antigos; que agora, porém, o brilho e a força destes tempos lhes lançou e nelas reuniu as seivas todas da vida alemã, e as fez amadurecer em uma realidade exterior, o que há muito era uma necessidade interna.

¹Tradução feita a partir de texto publicado em: O Dia, N. 29 1, 10 de Junho de 1915, Edição da Manhã, Parte Ilustrada, N. 133 (Berlin) [Der Tag, Nr. 29 1, 10. Juni 1915, Morgenausgabe, Illustrierter Teil, Nr. 133 (Berlin)].

Sentimos todos, assim, que nossos partidos políticos e seus respectivos comportamentos recíprocos não mais condiziam com a vida real e com o querer do nosso povo. Contudo, estes mesmos partidos teriam prosseguido por muito tempo em seus trilhos conhecidos, caso a guerra não os tivesse varrido desta situação.

E agora podemos esperar que, - como se debaixo da folha podre já se desenvolvesse um novo germe, cuja força volitiva apenas esperasse sua liberação -, os interesses e aspirações formadoras de partidos construam a partir de si uma nova ordem, cuja configuração nós ainda não divisamos. Contudo, esta configuração nova expressará com mais realidade o querer do povo; e a guerra precisa apenas descartar os escombros da velha ordem, sob a qual a nova amadureceu.

Nas últimas décadas, alguns partidos de posturas [Lebensrichtung] pretéritas têm sobrevivido, isto não menos em razão do fato de que teriam encontrado sua extinção definitiva em caso de um estímulo adequado, neste sentido, anterior à guerra. Nossa vida, então, sofria sob as contradições de uma condução materialista e de uma condução estetizante da existência.

Talvez fosse o materialismo a sombra primeira e inevitável do nosso desenvolvimento econômico, que, então, causou o pálido sobre-refinamento do Esteta como seu não menos extremo contraponto.

Existe uma conexão interior profunda entre uma ligação demasiado próxima às coisas e uma enorme distância às mesmas que nos lança em um vazio a partir de um tipo de “Medo do Contado” [“Berührungsangst”].

Sabíamos desde muito que estávamos doentes em ambos os casos e que, todavia, estávamos maduros para a convalescença que agora ansiamos a partir da crise da guerra.

Para quem, centenas de vezes, a questão da hora oscilou entre a vida e a morte; ou quem, dia após dia, no isolamento da casa, foi atravessado pelo destino incondicional destes tempos; este alguém aprendeu [erfahren] quão pouco a vida pode ser colocada sobre a mera materialidade das coisas e sobre o mero estímulo apelativo de suas formas.

Se, de fato, algum sucesso interior relativo à guerra nos é certo, este é, então, que incontáveis de nós mesmos, muito mais que antes, viverão substancialmente [am Wesentlichen]. Quem possuiu algo substancial, em algum ponto de sua existência, nisto as turbulências deste tempo deve tê-lo amadurecido e feito emergir, isto depois que o passado o ameaçou dispersá-lo.

Tal realização do interiormente já decidido, - que, por assim dizer, provoca o desfecho já idealmente contido nas premissas anteriormente conquistadas -, parece preparar-se em dimensões religiosas, onde reconhecidamente, nas profundezas do espírito alemão [deutschen Geistes] - de todos e dos indivíduos -, as decisões consumadas são ainda completamente obscuras quanto ao seu conteúdo.

Conhecemos a grande contradição que fragmenta a religiosidade deste tempo e que, agora, não influencia as mentes absolutamente não religiosas e os cristãos acomodados: entre o Cristianismo e uma religião que rejeita qualquer conteúdo histórico dado, seja este como um monoteísmo que não se tradita em dogmas quaisquer, seja este como um panteísmo, seja este como um arcabouço mental puramente interior e dissociado de qualquer conteúdo espiritualizado de fé.

Este tempo, em sua generalizada tolerância religiosa, não pressionava à decisão e permitia frequentemente que, caso eu não me engane, ocorresse que, sob uma consciência mais ampla que acreditava dirigir-se em um determinado sentido, na profundidade, de fato, outra direção fortalecia e guiava determinantemente a velha ou a nova vida individual.

Inequivocamente as forças religiosas interiores experimentaram através da guerra um renascimento e um crescimento até um ponto em que se exige de cada um a decisão sobre qual fundamento absoluto ele, de fato, se encontra.

Os tempos pacíficos das transições processuais, das misturas, da agradável meia-luz, nas quais o indivíduo podia se deslocar alternadamente entre contradições auto-excludentes parecem ter ficado para trás.

A determinação com a qual o povo alemão há quase um ano tem seguido por seu caminho, esperançosamente far-se-á mais radiante também nesta dimensão de decisões interiores.

Nada, contudo, afeta tanto estas decisões construídas sobre uma “paz podre” [“faulen Frieden”] quanto no terreno da religiosidade, onde tudo se concentra puramente no interior do indivíduo e onde, por um lado, cristãos de fato, - a partir de uma determinada educação dos sentidos -, aceitam uma postura panteísta não dogmática, e, por outro lado, ateus convictos auto-

internalizam, - mediante uma reestruturação simbólica dos princípios cristãos básicos -, um discurso de um tipo de cristianismo.

Não me parece provável que vivenciaremos em breve uma luta entre ambos estes partidos.

E justamente não porque cada indivíduo mais amadurecido tenha há muito consumado esta decisão e apenas nesta curiosa abertura cultural do espírito que nossa situação parecia permitir ou exigir, mas porque ainda com frequência misturava ou encobria esta decisão com uma decisão diametralmente contrária.

Isto, contudo, não mais autoriza um tempo em que tudo, em relação à profundidade religiosa humana, se agita.

Indiferentemente de que massa partidária nós vivenciáramos e de se essa massa será, de fato, exteriormente mensurável: isto entrará como moralidade amadurecida nas pessoas tal qual uma moralidade própria. A guerra não criará nenhuma nova religião.

Mas as suas turbulências em muitos pontos lançam fora o insignificante e permitem que o genuinamente gerado se abra para o que o indivíduo considera como sua religião, isto é, para além de sobreposições e de meras descolorações, e com a firmeza que nós vivenciamos em toda parte na reflexão sobre a germanidade [Deutschum] em relação a si mesmo, e cujas formas puras rejeitam todo chauvinismo estreito e agressivo, pois que este ainda emerge da insegurança quanto ao sentimento próprio.

O chauvinismo é ainda justamente uma das barreiras que o processo de amadurecimento do autêntico sentimento próprio irá atravessar com seu crescimento, - se não em toda parte no contexto da guerra de hoje, então em suas consequências para o amanhã.

A revelação mais decisiva de um julgamento há muito consumado, mas não de todo cumprido, contudo, tangencia a separação entre o que na Alemanha ainda é capaz de viver e de procriar e aquilo que está preso ao passado e, portanto, sem direito ao futuro: Pessoas e Instituições, Ideologias e Concepções Morais.

A confortável privacidade de um ambiente de paz pode talvez proporcionar que elementos subjetivos tornados supérfluos e interiormente extintos sejam contabilizados, mediante processos transitórios processuais, e, então, unificados com elementos realmente vivos.

Com a dureza e firmeza com que a guerra desestruturou nossa existência, e que esta não pode suportar por tanto tempo, a guerra impõe a tudo e a todos um impiedoso Isto-Ou-Aquilo de Valor e Direito e permite somente espaço para o verdadeiramente capaz de germinar e para o autêntico; o que não mais vantajosamente se insere na nossa vida futura [bevorstehenden Leben], - que nós mal poderemos satisfazer ainda que com um extremo de força e desempenho -, deve ser descartado, pois que não poderemos carregar na necessidade e no trabalho do nosso futuro mesmo aquele pouco de força que o passado reivindicado nos permitiu conservar.

Que a nossa vitória exigiu o sacrifício daquelas antigas e deslumbrantes catedrais, isto implica, contudo, ainda que reconhecidamente exagerado ao nível do dolorosamente grotesco, ser este um símbolo daquilo que nos espera no futuro.

Quem não for capaz de colaborar com esta nova Alemanha, este deve ficar à margem, pessoas e coisas já direcionadas e que se tornaram infrutíferas e sobre as quais a guerra consuma somente um veredicto.

Pois que suas turbulências agitam as árvores, que lançam fora o que está demasiadamente maduro e que só a uma condescendência relapsa aparentaria frescor.

Neste sentido, desenvolveram-se na Alemanha muitas coisas com uma necessidade permanente puramente interior e que amadureceu sem que pudesse explodir suas barreiras e cascas.

Que esta guerra destrói as barreiras e cascas aludidas; que esta guerra é somente o inesperado e súbito atravessador para o futuro daquilo que em nosso passado, de fato, já havia crescido, isto demonstra seu caráter profundamente orgânico em contradição a todo ser mecânico que caracteriza uma guerra de conquista ou uma guerra motivada por cobiça.

Cada um dos nossos inimigos pretende da guerra tais exterioridades: a Rússia cobiça o Mar do Leste e Constantinopla; a França cobiça a Alsácia e a vingança; a Inglaterra cobiça a soberania de seu domínio sobre os mares.

Nós, que nada queremos da guerra e, justamente por isso, não a queríamos de fato, ganhamos dela aquilo já possuíamos, - mas que até então possuíamos como se não o possuíssemos; pois que agora amadurece o ilimitado, está interiormente pronto, está presente em seu ser próprio, já ganho, - contudo, sem este destino, talvez não fôssemos ainda, e por muito tempo, impelidos a

dar a nossa vida esta forma e a realizar real e abertamente aquilo já anteriormente pré-construído enquanto conteúdo desta guerra.

Esta guerra liberou crimes e loucuras; nossa grande esperança, porém, é que a mesma venha a consumir na Alemanha a fórmula de toda moralidade: “Torna-te o que tu és”!

Parece, contudo, ser o destino da pessoa humana que ela não se torna por si, na calma de um desenvolvimento auto-satisfatório, aquilo que ela já o é em potencial em seu ser mais profundo; mas que, muito mais que em razão de ganhos exteriores, a pessoa humana necessite da luta, da necessidade e do perigo para que venha encontrar-se consigo mesma.